Padre Eusébio: Uma pequena Biografia

Padre Eusébio: Uma pequena Biografia

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Sumário

Biografia..... 4
Fotos..... 7
Artigo sobre a Pessoa de Padre Eusebio.....9

Biografia[1]

Em 3 de julho de 1913, nasceu em Montecelio,(Roma) Sigfrido Eusebio Zapattereni, conhecido como Padre Eusebio, o frade confessor do próprio Mussolini.

Eusebio ingressara muito jovem no seminário e, ordenado sacerdote, escolheu a ordem dos frades menores. Distinguiu-se imediatamente por sua oratória, a grande capacidade de falar em público e de se fazer ouvir. Era dotado de uma voz possante e de uma dialética formidável, que, unidas à força física, à garra e a um vigor pouco comuns, fizeram dele em pouco tempo um pregador muito seguido.

Logo notado e indicado como idôneo para o papel de capelão militar, Padre Eusebio, durante a Segunda Guerra Mundial, foi enviado à Grécia, à Iugoslávia e à Rússia.

Durante 1942 manteve, pela “Rádio Liubliana”, uma série de transmissões nas quais, com sua inconfundível arte oratória, ilustrava as páginas do Evangelho.

A fé de um homem, inclusive de um homem da Igreja, não é apenas oração, mas se evidencia na maneira como se coloca diante da vida, das dificuldades, e em como enfrenta com coragem os acontecimentos.

Ele era um combatente, não um traidor, e em 8 de setembro de 1943, encontrando-se na França, uniu-se aos homens do Capitão de Corveta Enzo Grossi que, na base de Bordeaux (Betasom), prestaram juramento de fidelidade ao aliado germânico. Antes de retornar à Itália, deteve-se na Normandia, na região de Tours, onde favoreceu o alistamento de muitos voluntários italianos na 17ª SS Panzer-Grenadier-Division “Gotz von Berlichingen” e voltou novamente à França em 28 de junho de 1944, em Lyon, para tratar da constituição de um batalhão de 500 homens de SS Italianas sob o comando do major Marenghi.

1 https://pocobello.blogspot.com/2016/09/padre-eusebio.html

Passou-se mais de um século desde o seu nascimento e este aniversário passa todos os anos sob silêncio; desse sacerdote que fez parte das SS Italianas, que vestiu a batina e a camisa negra com igual valor, ninguém fala, poucos se lembram.

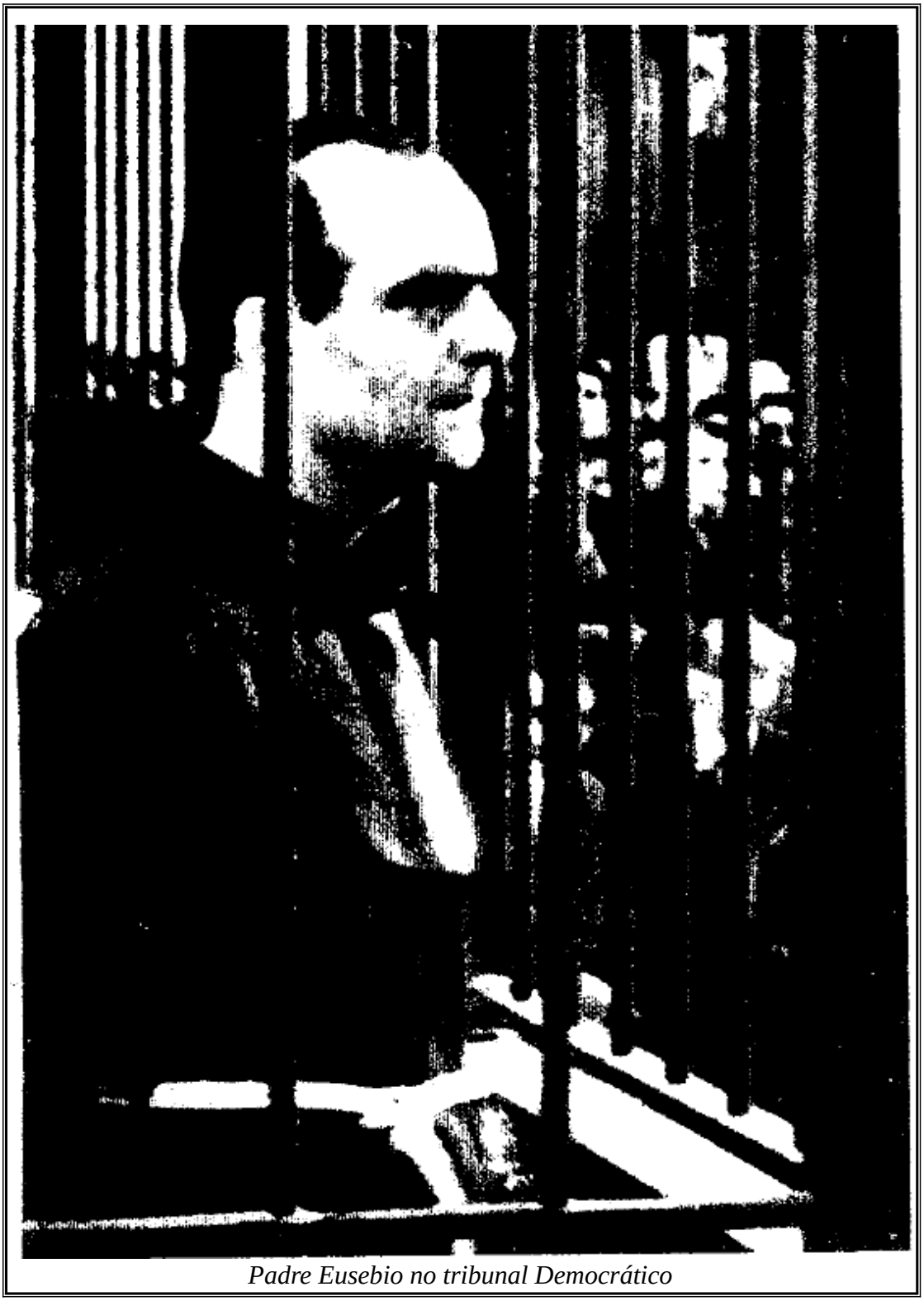
Na Itália, durante os meses da RSI, manteve contatos com Roberto Farinacci e executou um intenso programa de discursos realizados em todas as partes do Norte. Falou em toda parte, incansável, a praças lotadas e aplaudentes; em uma fotografia muito bela, talvez a mais famosa, vê-se ele sobre um palco, com seu hábito de frade, sob a bandeira da República Social, arengando a multidão acorrida em massa, e ao observá-lo consegue-se imaginar, quase sentir, a sua voz forte e vibrante. Em suas intervenções, Padre Eusebio, embora a guerra estivesse próxima do fim, falava de Badoglio como a personificação de Judas Iscariotes, que traíra a sua Pátria e apunhalara pelas costas os alemães aliados fiéis, cobrindo de lama e vergonha um povo "proteso para um destino bem diverso"; recordava como o exemplo da reação fora dado pelos primeiros soldados da República que, no Vallo Atlântico, ao lado dos camaradas germânicos, demonstraram que "a verdadeira Itália jamais capitulou, que a Itália de Mussolini é uma bandeira que sempre tremulou, uma chama que nunca deixou de arder(...) Os caídos pedem hoje aos armados da República um ato de fé, uma última suprema prova de amor pátrio, e é certo que os jovens protesos para o combate responderão como um só homem ao imperativo dos mortos. A advertência da hora é: Crer, Obedecer e Combater, crer no destino da Pátria, obedecer ao verbo de Mussolini, combater sob as ordens de Graziani....". E irritava-se contra quantos aguardavam a chegada dos Aliados, e não deixava de irromper em insultos antijudaicos. Insistia que somente no Duce e no Führer se via a possibilidade de instaurar uma nova e mais alta justiça social. Apesar de sua posição oficial, empenhou-se ainda assim em pôr a salvo diversos sacerdotes perseguidos pelos alemães e alguns jovens renitentes. Em 24 de abril de 1945 proferiu o seu último e corajoso discurso na centralíssima Galleria de Milão e, em 26 de abril, foi preso na Prefeitura juntamente com o Dr. Cantagalli, expoente do P.F.R. Durante o processo em Milão, perante a Corte de Assise Extraordinária, defendeu-se com o habitual coragem,

mas foi condenado a 20 anos de reclusão. Anistiado, saiu da prisão e partiu como missionário para a América do Sul, para nunca mais retornar.

Levou a sua obra entre os pobres de Buenos Aires e junto ao grande "Sanatorio Municipal" da capital argentina, onde morreu em 1985.

Padre Eusebio encarnou até o fim o camaradismo corajoso e fraterno, vestindo a sua dupla farda, e quero recordá-lo hoje com a frase de Brasillach: "O camaradismo é o fruto mais belo da dor dos homens. Nasce no combate, na guerra, nasce na prisão. Não nasce, para ser preciso, das ideias. Ou melhor, as ideias só adquirem peso e valor quando são claramente encarnadas nos corpos humanos, quando são vividas por camaradas. Nós teremos conhecido esse privilégio".

Fotos



Padre Eusebio no tribunal Democrático

Artigo sobre a Pessoa de Padre Eusebio[2]

"No número de 'L'Europeo' da semana passada, Giordano Bruno Guerri e Francobaldo Chiocci cuidaram, com louvável atenção, do diálogo que Claretta Petacci escreveu em agosto de 1943, enquanto estava reclusa na prisão de Novara. O manuscrito foi depois enviado ao chefe de polícia da cidade e apreendido pelo chefe da polícia da RSI, Tullio Tamburrini, que ordenou ao seu chefe de gabinete, Eugenio Apollonio, que o datilografasse. O documento, porém, desapareceu dos arquivos. Cópias dele, contudo, circularam. Há dois anos, uma transcrição do memorial de Claretta foi-me doada pelo ex-coronel do SID Massimo Pugliese, e eu a conservo ainda hoje em meu arquivo pessoal: ela vale sobretudo como testemunho de um amor sofrido e de uma justa ira pelo traição de muitos, e arrependo-me de não a ter publicado antes."

Agora, a reprodução cuidada por "L'Espresso" leva-me a trazer à luz outro documento inédito, citado no mesmo número do semanário: a carta que o frade franciscano Eusebio Zappaterreni, capelão militar da RSI e confessor de Mussolini, escreveu ao Papa Pio XII do Reclusório Militar Angioino de Gaeta, em 6 de fevereiro de 1946, para prestar contas de sua atuação, após a condenação a vinte anos de reclusão por "colaboração com o invasor alemão".

"A imprensa mundana fez fofoca e barulho excessivo em torno da minha modesta pessoa", escrevia o padre Eusebio ao Papa, "e também publicou notícias totalmente falsas e tendenciosas dirigidas ao Homem ao lado do qual vivi por alguns meses como confidente e conselheiro, sempre ouvido, muitas vezes também seguido".

Figura exemplar, a do padre Eusebio, atingido por golpes de faca de um comunista eslavo: "Porque me recusei a sujar a bandeira da minha Pátria". Quatro juízes comunistas o condenaram. Posteriormente anistiado, o frade partiu como missionário para a Argentina, sem renegar o seu passado de patriota. Considerava-se "ainda um trabalhador válido para a

2 cf. o "Secolo d'Italia" de 2 de abril de 1991).

mística vinha do Senhor". Na época tinha apenas trinta e três anos e, dirigindo-se ao Papa, defendia a memória de Mussolini, "um Homem sobre o qual a História ainda não disse a sua palavra definitiva".

Na longa missiva ao Papa, da qual refiro os trechos essenciais, o padre Eusebio (seu nome secular era Sigfrido) protestava antes de tudo contra as falsidades e as calúnias difundidas por dois jornais partidários ("Il Momento" e "L'Italia Libera", respectivamente de 13 e 14 de setembro de 1945), que haviam imputado ao Duce, a dom Tullio Calcagno, promotor da associação "Crociata Italica", e ao próprio frade a tentativa de provocar um cisma: "Mussolini, em tempo de República, jamais pensou em um cisma com a Santa Igreja, nem em uma eventual denúncia da Concordata".

O Duce era sempre muito atento às relações com a Igreja, a ponto de ter ordenado a criação de um gabinete ministerial da RSI, dirigido por Maria Costa, com a incumbência de elaborar um relatório periódico sobre as posições dos jornais católicos.

O padre Eusebio reuniu em um caderno os pensamentos espirituais e políticos de Mussolini, expressos em conversas amistosas. Sobre a Concordata, por exemplo: "Eu o desejei e eu o quis — disse Mussolini, citado pelo franciscano —. Em 1923, no Palazzo Altieri, na Piazza del Gesù, na residência do conde Santucci, propus ao cardeal Pietro Gasparri a solução da Questão Romana. O purpurado aceitou a minha ideia, observando porém que um nome do peso de Giolitti não havia conseguido levá-la adiante por causa das grandes dificuldades encontradas no seio da Câmara e da oposição da Maçonaria. Assegurei ao cardeal que dissolveria tanto uma quanto a outra, eliminando assim a contenda".

O padre Eusebio alongava-se então sobre a própria trajetória. Após 8 de setembro de 1943, capelão militar alpino em território francês, foi preso pelos alemães, que o libertaram em abril de 1944 por intercessão do comandante Enzo Grossi (Medalha de Ouro). Foi então nomeado capelão da Primeira Divisão Atlântica, na Infantaria de Marinha, e participou da campanha da Normandia, no Vallo Atlântico, por poucos meses, pois em julho de 1944 teve de regressar à Itália com a função de correio dos

soldados (o serviço postal havia sido bloqueado pelos alemães em Bordighera).

“O desembarque aliado no sul da França impediu o meu retorno às unidades da Frente Atlântica, e então Mussolini quis-me ao seu lado. Penso”, escrevia o frade a Pio XII, “que essa decisão tenha sido uma grande graça do Senhor, para que eu pudesse fazer bem à alma desse Homem”.

“Ao lado de Mussolini, procurei ser um elemento prudente e equilibrador. Ele, que me conhecia pelas explicações do Evangelho que fiz pelo rádio de Liubliana nos anos de 1941 e 1942, pediu-me que falasse em Turim, Milão, Veneza, Bolonha e outras cidades, para exortar os italianos a desistirem da luta fratricida. Aceitei o encargo, declarando — e ficando entendido — que não faria política.”

Mas a pregação pacificadora do padre Eusebio chocou-se inevitavelmente com a muito mais acalorada de dom Tullio Calcagno, desrespeitosa inclusive para com o Papa. A atuação de dom Calcagno, fervoroso aliado de Roberto Farinacci, preocupava muito as altas hierarquias eclesiásticas e também Mussolini, que, ao contrário, concordava com os apelos do padre Eusebio à moderação dos ânimos e ao respeito ao Pontífice, atacado pelos católicos da “Crociata Italica”.

Em Bolonha, durante uma conferência, o franciscano fez calar alguns opositores de Pio XII, primeiro exclamando: “Antes sou sacerdote de Deus, depois papalino e por último frade italianíssimo”; e depois tecendo um elogio ao Papa, muito aplaudido, como noticiou o diário católico “Avvenire d’Italia”.

O padre Eusebio favoreceu o entendimento entre o Governo e o Ordinariato Militar, dirigido por dom Giuseppe Casonato (destituído abusivamente do cargo por disposição do marechal Graziani e depois reintegrado e promovido ao posto de coronel por ordem do Duce).

A todos os capelães foi proibido escrever artigos e fazer discursos políticos. Na carta ao Papa, o franciscano, capelão nas Forças Armadas da RSI, anotava outros méritos seus: “Como capelão militar, fiz com que

Mussolini concedesse graça a centenas de partigiani condenados à pena capital, levando-lhe os pedidos dos familiares e, algumas vezes, telefonando-lhe diretamente. Consegui também a libertação de alguns sacerdotes: recordo o superior-geral dos padres Rosminianos em Novara e dom Ghinelli, de Turro Milanese, acusados de fazer parte do CLN".

"Na França, empenhei-me em melhorar as condições dos prisioneiros italianos, fazendo com que todos fossem destinados a trabalho remunerado com 25 francos por dia, direito à saída livre e à correspondência com as famílias, por intermédio da Cruz Vermelha Italiana. São testemunhas disso os cônsules Arrighi, de Nice, Piraino, de Marselha, Crudellini, de Lyon, e Pisani, de Paris.

"Sempre na França, em Juan-les-Pins, a princesa Milena de Montenegro, irmã da rainha Elena, pediu-me que me interessasse pela sorte da sobrinha, a princesa Maria Savoia dos Bourbon-Parma, internada em Vittel com os próprios filhos Remigio e Vito. Falei disso ao marechal de campo von Kluge, comandante supremo na frente ocidental, que tomou nota da minha recomendação, assegurando-me que faria com que à princesa e a seus filhos fossem dispensadas todas as atenções e considerações devidas.

Em dezembro de 1944, o capelão Vittorio Franzoi, dos Padres Giuseppinos de Asti, apresentou-me o tenente Piero Del Negro, adido à Embaixada de Berlim para a assistência aos italianos prisioneiros e aos soldados em serviço. Impressionei-me e preocupei-me ao ouvir o horrível tratamento que era dispensado aos nossos compatriotas e pedi-lhe que colocasse por escrito tudo o que me havia relatado. Fiz Mussolini ler o dossiê de cerca de cinquenta páginas datilografadas pelo tenente Del Negro."

"O Duce indignou-se e fez chegar à Alemanha um livro branco relatando o tratamento dispensado aos nossos compatriotas."

Em dezembro de 1944, o padre Eusebio foi nomeado Capelão-Chefe das Brigadas Negras, sem o seu conhecimento. Tratara-se de uma decisão do ministro Pavolini. O frade, a princípio, não quis aceitar o cargo: "Dom

Casonato, porém, disse-me que aquele era o posto adequado para mim, para manter sob controle certos capelães, presa fácil dos comissários federais, comandantes das Brigadas".

Foi equiparado ao posto de general de Brigada, mas nunca quis portar insígnias distintivas; ao contrário, retirou inclusive as de capitão dos Alpini. A primeira circular do padre Eusebio aos capelães das Brigadas inculcava o espírito sacerdotal, proibia escrever artigos nos jornais e pertencer à associação "Crociata Italica", aconselhava impedir justiças sumárias, tomando a defesa dos partigiani, e trazia a ordem de "avisar-me tempestivamente por telefone para que eu pudesse intervir junto aos respectivos Comandos ou até mesmo junto ao Chefe do Governo". A associação de dom Tullio Calcagno foi dissolvida e ao sacerdote foi proibido realizar conferências político-religiosas.

"No dia 29 de abril de 1945, tendo escapado da Brigada Matteotti, que queria fuzilar-me juntamente com dom Calcagno", escrevia o padre Eusebio ao Papa, "a Providência quis que eu acabasse, em trajes civis e, por isso, não reconhecido, no piazzale Susa, em Milão, para assistir ao fuzilamento de dom Calcagno, o qual, resignado, fez o sinal da cruz enquanto eu lhe dava, permanecendo não identificado, a absolvição".

"Devo porém acrescentar, com profunda amargura", anotava o padre Eusebio na carta ao Papa, "que, apesar dos acordos, após algumas horas, oito oficiais do quartel da Corso d'Italia foram levados pelos partigiani e barbaramente trucidados no Castelo Sforzesco".

O massacre prosseguiu. Nem mesmo a palavra de honra do coronel Callegari foi suficiente para impedir que o frade e Cantagalli fossem, em 5 de maio de 1945, encerrados na prisão de San Vittore, onde sofreram insultos e espancamentos por parte daqueles que o padre Eusebio já havia chamado de "irmãos desnorteados": os partigiani.

Francesco Caridi